

Como poderá a Igreja desincumbir-se de sua tarefa missionária?

N. Kirst

Conferência proferida por ocasião do II Concílio da Região Eclesiástica IV em Cachoeira do Sul, 23 a 25 de julho de 1971.

I. — A situação

Para embarcarmos na temática desta palestra e do próprio Concílio, nada melhor do que uma breve análise do título que nos foi proposto. Ele fornece duas informações capitais:

a) A Igreja tem uma tarefa missionária a cumprir. Seu conteúdo: o amor de Deus pelo homem em Jesus Cristo, a esperança na realização definitiva do Reino de Deus, que já está entre nós. Os receptores desta mensagem: os próprios membros da Igreja e os homens que vivem ao seu redor e com ela. Os instrumentos: palavras e ações.

b) “Como poderá . . . ?” — Ao que tudo indica, percebe-se que, se a Igreja continuar agindo como no presente, não terá condições de enfrentar sua tarefa no futuro.

Como é que se chega a formular um título como este? Aparentemente há sintomas, que acusam uma crescente incapacidade da Igreja em exercer sua tarefa. Vejamos, em rápidas pinceladas, quais seriam esses sintomas:

a) **A fraca vida interna das comunidades.** Nossas comunidades raramente são mais do que um clube para a prestação de serviços sociais aos seus sócios. Não têm vida, não têm fogo, não têm testemunho.

b) **O pastor, um diletante universal.** Geralmente sobrecarregado, o pastor faz de tudo um pouco e raramente faz algo direito. Usa pouco o que estudou e passa a maior parte do tempo fazendo coisas que nunca aprendeu. (Do pastor espera-se “a eloquência de um Churchill, o charme de um artista de cinema, o tato de uma

casa real, a couraça espessa de um hipopótamo, o talento de organização de um industrial, a sabedoria de um Sócrates e a paciência de um Jó”, apud S. H. Badenhop, *Die Funktion des Pfarrers in der Gemeinde von morgen*, in *Hannoversches Pfarrerbblatt* 1/70).

c) **O culto não desempenha mais o seu papel.** Em vez de reabastecer os fiéis para a sua vida diária na sociedade, tornou-se um abrigo e refúgio do mundo. Uma cerimônia hermética, compreensível apenas a uns poucos iniciados, com músicas e linguagem arcaicas, dirigida por uma espécie de Flávio Cavalcanti religioso — porém, geralmente, enfadonho, quadrado, maçante.

d) **A formação teológica dos leigos é desastrosa.** Geralmente, não passou de um ensino confirmatório deficiente e em condições precárias.

e) **A alienação da Igreja e das comunidades.** Como grupo evangélico somos alheios à realidade brasileira, termo que não significa apenas Transamazônica, movimento da bolsa, aumento do PNB, índices de exportação, mas também estado de exceção, Esquadrão da Morte, salário mínimo, desemprego, fome e miséria.

f) **A secularização.** Um fenômeno patente, irreversível, diante do qual a Igreja se encontra absolutamente perplexa.

São êstes alguns dos muitos sintomas. O que apresentamos foi evidente e conscientemente uma caricatura. Caricaturas têm o grande mérito de ressaltar melhor a verdade. São, provavelmente, sintomas como êstes, que levaram à colocação da nossa temática. Sintomas que indicam: a Igreja não está mais cumprindo sua tarefa missionária. Se quiser cumprir sua tarefa missionária, a Igreja terá que mudar. Terá que passar por transformações. É com essas transformações que nos ocuparemos a seguir.

II. — Premissas

A. Transformação — um imperativo de fé

Transformação da Igreja não é questão de gosto; não é algo que se pode fazer ou deixar de fazer. Transformação é uma exigência inerente à própria tarefa missionária da Igreja. A Igreja precisa transformar-se porque os receptores em potencial da sua mensagem se transformam. A Igreja, que não se transformar com êstes receptores em potencial, deixará de ser missionária.

Mais do que isso, o elemento da transformação é inerente à própria essência da existência cristã. Quem crê em Cristo se encontra, por força desta sua fé, num constante processo de transformações autocríticas. A invocação do nome de Jesus (que encabeça toda celebração da Igreja) exige, automaticamente, a crítica à Igreja de hoje, em favor da Igreja de amanhã. (Werner Jetter, *Warten auf die zweite Reformation?*, in *Evangelische Kommentare* 7/70, pp. 386-390; cf. p. 387).

B. Transformação — só a partir de dentro

Não devemos confundir transformação com a introdução de novidades e curiosidades vindas de fora (cultos em forma nova, etc.). Estas geralmente não passam de enfeites ou remendos. A transformação autêntica tem que partir de dentro, do seio da comunidade. Que é uma comunidade? É a comunhão, o lugar de encontro dos cristãos individuais, que vivem seu cristianismo na vida cotidiana, concreta, secular. As formas e estruturas de uma comunidade devem corresponder às exigências desta comunhão. E se não o fizerem, devem ser abandonadas. Portanto, as transformações devem ter como meta o confronto do Evangelho, na pessoa dos cristãos individuais, com o mundo concreto e secular. Por isso, repito, a transformação autêntica precisa partir de dentro de cada comunidade.

Desta afirmação básica, precisamos tirar as seguintes conclusões:

a) O processo de transformação será um processo lento, demorado, nascido de um amadurecimento e não de impulsos temperamentais.

b) A transformação assim surgida terá a medida certa, condizente com a situação bem particular da comunidade ou do grupo em questão; não será um mero retoque, mas também não matará o paciente.

c) Como o próprio mundo em que atua o cristão, a transformação evoluirá constantemente, nunca estará concluída. É um processo de transformação, sempre disposto a abandonar padrões ultrapassados e aceitar novos.

d) No âmbito da IECLB deverão surgir transformações diversas em comunidades e grupos diferentes. Os evangélicos de "Winkspikade" (Município de Estrêla), Blumenau e São Paulo não podem ter a mesma forma de comunidade.

e) Essa transformação exige duas virtudes capitais: abertura e mobilidade. Precisamos entender que a Igreja/instituição, com sua estrutura, seus órgãos, seus grupos, suas formas de expressão (culto, ensino confirmatório, OASE, JE, comunidades, etc.), suas modalidades de concretização da vida comunitária — que esta Igreja/instituição não é nada mais que um instrumento. A Igreja/instituição é como um Mercedão carregando uma carga de ouro pelo Brasil afora. Se o Mercedão começar a empacar, o que é que eu faço? Talvez baste trocar algumas peças. Caso contrário, eu largo o Mercedão e passo a carga de ouro para um Scania-Vabis. Assim também nós temos que dar mais valor à carga de ouro, ao Evangelho, do que à Igreja/instituição. Só então teremos a abertura e mobilidade necessárias para as transformações. Nós só realizaremos nossa tarefa missionária, se estivermos dispostos a levar a Igreja ao suicídio, confiando na sua ressurreição. "A Igreja que não estiver disposta a morrer, morrerá certamente — a morte espiritual, da qual não há ressurreição". (John A. T. Robinson —

Das Geheimnis des Todes der Kirche, in Evangelische Kommentare 4/69, pp. 203-206; cf. p. 204).

Mas, agora, pergunto: Nossas comunidades estão em condições de produzirem tais transformações? Evidentemente, não. Por que não? Porque lhes falta vida interna. Por falta de vida interna, nossas comunidades não chegaram sequer a produzir música eclesialística autêntica. Pelo mesmo motivo, não estão em condições de produzir transformações. Vida interna é participação viva dos leigos, é **laicização!** A comunidade, que tiver um pastor solista e leigos espectadores, não tem vida. Por isso, a laicização é a condição primordial para a transformação da Igreja.

III. — Laicização

Falar de laicização no âmbito da IECLB é chover no molhado. Mas, como se percebe, a preocupação com o assunto até hoje trouxe pouco ou nenhum resultado. Por isso, é preciso pensar, falar, debater sobre a questão até a exaustão, até que alguma coisa comece a acontecer.

Que é laicização? É fazer com que o leigo assuma responsávelmente seu papel de cristão. Responsávelmente quer dizer: como cristão consciente, teologicamente maduro e autônomo, que conhece sua Bíblia e sabe tirar dela o norte para o seu agir diário. Este cristão teologicamente maduro deve desabrochar, com outros, na comunhão da comunidade, colocando seus dons a serviço da tarefa missionária da Igreja. Para executar esta tarefa, a Igreja precisa dos dons de médicos, advogados, professores, economistas, pedreiros, marceneiros, agricultores, donas de casa. A Igreja só cumprirá sua tarefa missionária se todos: a) agirem como cristãos na sua profissão, no lar, na sociedade, e se b) colocarem parte do seu tempo à disposição da comunidade, para num trabalho conjunto, em comunhão com outros, levar bênção ao semelhante necessitado.

Note-se, porém, uma coisa: laicização não é clericalização do leigo, não é transformação do leigo em pastor (fenômeno frequente no serviço de leitores). A laicização tem que produzir algo que fogue ao âmbito e à capacidade do pastor. A laicização é o produto do impacto entre o amadurecimento teológico e a experiência secular do leigo. Por isso, o leigo deve ficar leigo e não se transformar em pastor.

Tudo isso é evidente. Tudo isso está claro. Tudo isso é questão pacífica na IECLB. Mas, na realidade, pouco ou nada acontece. Por que não acontece nada? Por que a laicização é um fracasso em nossa Igreja? Porque, no ponto em que estamos, a laicização depende de nós, os pastores. E nós, os pastores, não sabemos como fazer o contato com os leigos, como abordá-los, como arregimentá-los; como levá-los à maturidade teológica e a assumir responsávelmente seu papel na sociedade e na comunidade. Por que não o sabemos? A quase totalidade dos pastores não o sabe, porque nunca o aprendeu. E, se nunca o aprendeu, então o problema reside na

formação pastoral. É preciso aprender a trabalhar com o leigo. Há pessoas, porém, que mesmo aprendendo não o conseguiriam, porque têm dificuldades de travar contatos. Tais pessoas terão outros dons, outras capacidades, que precisam ser devidamente canalizados. Deve ocorrer uma especialização.

Resumindo: A laicização, na IECLB, só poderá partir dos pastores. Mas, para que isso aconteça, precisam ocorrer duas importantes transformações no setor do pastorado. Podemos caracterizá-las com os termos: especialização e formação. É disto que trataremos a seguir.

IV. — Pastorado

A. — Especialização e trabalho em equipe

Existem, na IECLB, alguns órgãos e departamentos supraparquiais, ocupados por pastores em tempo integral. A rigor, não se pode falar, aqui, de especialização, pois tais fenômenos são mais criações ad hoc do que produtos de um planejamento. O que a IECLB precisa tomar a peito agora é a introdução sistemática, planejada, paulatina da especialização no âmbito distrital e parquial.

O jovem pastor que hoje sai da Faculdade de Teologia para assumir uma comunidade — e isso nunca foi diferente em nossa Igreja — aprendeu e sabe fazer, mais ou menos, duas coisas: interpretar um texto bíblico e argumentar com conceitos teológicos. E só! Na comunidade aguarda-o um sem número de tarefas, para as quais não está preparado. E, se conseguir executar razoavelmente alguma delas, será por pura intuição. Ele ficará perplexo diante do aparato administrativo. Não saberá o que dizer ao velho moribundo, ao jovem desesperado, ao casal desencontrado. Não saberá o que fazer com os jovens e provavelmente confundirá vedetismo com liderança cristã. O mesmo talvez aconteça, quando lidar com agricultores. Não saberá o que fazer com as senhoras da OASE e provavelmente se dará por satisfeito quando despertar sua afetividade material. Não saberá como ajudar os agricultores explorados, mesmo vendo as suas necessidades, porque não sabe analisar a situação e encontrar soluções. E o nosso jovem pastor continuará neste trote, enquanto viver. Se for inteligente, tem boa chance de ir encontrando e corrigindo um ou outro erro. Com o tempo dedicar-se-á mais às atividades que melhor condigam com seus dons naturais, congênicos, negligenciando os outros setores. Então será um bom administrador ou construtor de igreja, mas péssimo pregador. Será um pastor exemplar no aconselhamento espiritual de velhos e doentes, mas um espantalho para os jovens. Em termos gerais, continuará sendo o eterno diletante, que só aprendeu a interpretar textos bíblicos e argumentar com conceitos teológicos.

Este diletantismo involuntário pode levar um pastor à frustração. Mas, pior que isso, o diletantismo será nocivo à comunidade e prejudicará o andamento do Evangelho.

Para combater esse desastroso diletantismo, só há uma solução: o trabalho em equipe de pessoas especializadas nos diversos serviços. É claro que a maioria das paróquias não tem condições de manter uma tal equipe. Mas uma união de paróquias poderá fazê-lo, dentro de um espaço territorial limitado. Pôrto Alegre, Joinville, a região de Lajeado/Estrêla poderia perfeitamente ter sua equipe de trabalho com especialistas, tais como: um teólogo e guia espiritual, pedagogos (um para o ensino confirmatório e aulas de religião nas escolas, outro para a educação teológica de adultos), um economista (administração de todos os órgãos e entidades), sociólogos ou psicólogos (um para o trabalho de senhoras, outro para o de homens, outro para o de jovens), um sociólogo ou assistente social (serviços sociais), um perito em relações públicas (pesquisas de opinião, análises, planejamento e coordenação, técnicas de abordagem, publicações). Cada união paroquial deveria organizar sua equipe conforme suas necessidades.

Quanto à formação teológica destes especialistas, só o teólogo necessitaria o estudo integral como o temos atualmente. Para os demais bastaria um curso teológico básico mais limitado.

Os órgãos diretivos da IECLB devem preocupar-se urgentemente com a eliminação do diletantismo, fomentando agressivamente a formação de equipes de trabalho. No entanto, tais equipes só poderão funcionar a contento depois que modificarmos radicalmente a formação teológica da IECLB.

B. — Formação teológica

Quase tão importante como a educação teológica dos estudantes é a atualização periódica dos pastores. Esta é um imperativo, uma imposição de nossa era, em que tudo e todos se transformam num ritmo alucinante. A atualização periódica deveria ser obrigatória, realizando-se em intervalos de talvez cinco anos, com cursos de um e dois meses de duração.

Mais urgente, porém, é a formação dos candidatos ao pastorado. Atualmente a nossa Faculdade de Teologia ainda prepara o jovem para as funções de pastor solista diletante (e isso, não por culpa dos docentes!). Se visamos preparar futuros obreiros eclesiais para o trabalho em equipe, também o estudo da teologia precisa mudar.

Na equipe de trabalho, o teólogo será apenas um entre os especialistas. Por isso, apenas uma pequena parte (25 — 30%) dos jovens que se candidatam ao pastorado precisaria passar por um curso de teologia integral nos moldes atuais. Com um número limitado de estudantes, este curso integral proporcionaria um aproveitamento e aprofundamento muito maior do estudo. A função do teólogo, na equipe, seria: orientar a parte teológica de todos os setores de trabalho (ensino confirmatório, ensino escolar, grupos, educação teológica de adultos) e principalmente o preparo de prédicas (elaboração de exegese e meditação para os demais especialistas, que deveriam preparar regularmente).

Para os demais membros da equipe de trabalho deveria ser encontrada uma possibilidade de adquirirem uma sólida formação teológica de base, além de uma educação profissional completa num dos setores acima indicados (ciências sociais, psicologia, pedagogia, relações públicas, etc.). Esta formação profissional deveria ser completa, para que o futuro obreiro tivesse a possibilidade de exercer parcialmente, sua profissão secular, em caso de conveniência, e para que não fôsse outra vez um diletante.

Esta segunda modalidade deveria ser estruturada da seguinte maneira: primeiro, um curso básico de teologia com três anos de duração (sem as línguas originais); depois, o estudo profissional secular completo. O curso de teologia seria intensivo, de tempo integral, com um mínimo de atividades extra-curriculares e mais dirigido do que o curso atual. O estudo profissional secular poderia ser realizado em qualquer faculdade do País. Durante as férias, a Faculdade de Teologia organizaria cursos de atualização, possibilitando ao estudante o confronto da teologia com sua profissão secular e mantendo-o em contato com a Igreja. Durante seu estudo secular, o candidato poderia executar tarefas pastorais em comunidades evangélicas.

O estudo da teologia é o pivô de qualquer transformação profunda na Igreja. Se este Concílio pergunta: "Como poderá a Igreja desincumbir-se de sua tarefa missionária?", a resposta é: começando por reestruturar o estudo da teologia. Por isso, é uma lástima não contarmos com um grupo de trabalho que se dedique a esta questão. Acho mesmo que um dos seis grupos previstos poderia encampar o problema. Já constatamos no passado que moções de um Concílio Regional podem ter longo alcance no âmbito da IECLB. Se este Concílio se preocupa de fato com o futuro da nossa Igreja, sugiro que faça chegar ao Conselho Diretor uma moção no sentido de que seja estudada com a máxima urgência a reformulação do estudo da teologia, de modo a fazer jus às exigências presentes e futuras da Igreja.

V. — Organização

Quem fala de transformações e futuro da Igreja, não pode deixar de referir-se aos aspectos de organização. Fundamental para a execução das sugestões acima expostas parece-me uma secretaria geral bem equipada (elemento humano e material) e estruturada segundo os melhores moldes empresariais. As tarefas desta secretaria geral seriam, com referência ao futuro da Igreja:

a) libertar o Conselho Diretor de problemas puramente técnicos ou secundários (um Conselho Diretor com cêrca de 100 pontos na agenda de cada reunião não pode dedicar-se a fundo ao futuro da IECLB);

b) evitar o desperdício de forças, coletando, racionalizando e coordenando as experiências novas das comunidades;

c) criar espaços e possibilidades para novas experiências;

d) planejar, realizar análises e estudos sociológicos e demos-

cópicos na Igreja, para que esta possa conhecer-se melhor e organizar convenientemente o seu trabalho;

e) manter a mobilidade da Igreja, evitando que ela se transforme numa instituição calcificada.

VI. — Conclusão

Permitam-me resumir, em breves traços, a linha de pensamento da exposição apresentada: Com suas formas e estruturas tradicionais, a IECLB não está em condições de corresponder à sua tarefa missionária no futuro. As transformações necessárias para que isso aconteça deverão surgir do seio das comunidades, como produto da sua vida interna. Esta vida interna só existirá quando a laicização tiver tomado corpo em nossa Igreja. Para atingirmos o leigo, precisamos abandonar o diletantismo do pastorado atual, partindo para um trabalho de especialistas, em equipe. Para chegarmos a êsse ponto, faz-se necessária uma reformulação do estudo da teologia e o fortalecimento da secretaria geral.

Em se tratando do futuro da Igreja devemos ter cuidado para não ficarmos só na teorização chegando a um ponto de saturação. "Esperar não é saber. Quem sabe faz a hora, não espera acontecer!", diz uma canção brasileira. Está em tempo de fazermos a hora, na IECLB. Está em tempo das medidas concretas. E êste Concílio pode fazer muito em prol de medidas concretas. Finalizando esta exposição, atrevo-me a relacionar seis pontos que, no meu entender, deveriam ser postos em execução pela IECLB, a curto ou médio prazo:

a) encaminhar imediatamente estudos sôbre a reformulação do estudo da teologia, no sentido acima exposto ou equivalente, concretizando os resultados no menor prazo possível;

b) apoiar estudantes de teologia que, já agora, procuram cursar outras faculdades, dando tôdas as possibilidades para que possam colocar esta sua experiência secular a serviço da Igreja;

c) libertar o Conselho Diretor de tarefas secundárias, reservando-lhe apenas decisões de grande envergadura e relevância;

d) dotar a secretaria geral dos elementos (humanos e materiais) necessários para exercer sua tarefa analisadora, planejadora e coordenadora;

e) fomentar agressivamente o trabalho pastoral em equipe, nos lugares em que esta modalidade já fôr pelo menos parcialmente realizável (cidades com diversas paróquias e uniões paroquiais ou distritos com pouca extensão territorial);

f) fomentar agressivamente tôda tentativa de laicização no âmbito da IECLB.

Lembremos mais uma vez: a transformação é um imperativo de fé, é uma exigência que o próprio Evangelho coloca à Igreja. Respondamos a essa exigência com coragem desprendimento e imaginação. "Quem sabe faz a hora não espera acontecer!" Está na hora. Não percamos a hora. E estejamos certos: Conosco ou apesar de nós o Reino de Deus virá sôbre a terra!